



O GRITO

JEAN MARCOS*

ouviu-se um grito tão alto que atravessou as paredes e os vãos do bairro todo, entrando pela minha janela e me fazendo despertar antes mesmo do despertador tocar. creio que o grito acordou aqueles que estavam em mim, comigo e para além de mim. creio que o grito tenha bastado para que o dia começasse com interrogações: quem gritou? por que gritou? foi mesmo um grito?

ou foi um delírio, já que o grito não parecia ter gênero, não parecia um grito de pavor, tampouco de dor, meu deus, eu saberia se fosse um tiro, porque antes do grito, seria o tiro. também não parecia um grito de felicidade, ninguém é feliz em dois mil e vinte e dois. não na minha rua.

só sei que o grito despencou do céu, do inferno, que seja, e ficou suspenso no ar, ecoando por horas a fio depois de ser emitido. quem gritou, gritou com força, com perfeição, como se tivesse ensaiado, estudado, calculado milimetricamente cada entonação, cada entusiasmo, cada A depois de A. o grito tinha a primeira letra do alfabeto e só ela, por ela e para ela.

levantei da cama apressado, olhei pela janela do terceiro andar, tudo que vi foi tranquilidade. a rua estava em silêncio, as pessoas caminhavam normalmente, ninguém parecia ter escutado o grito. mas para mim, a vida se dividiu em duas: o antes e o depois do grito. por um instante tive inveja de quem gritou, porque depois do grito, a pessoa (se é que foi mesmo uma pessoa) estaria leve feito pena, já que não carregava mais nas costas o peso do grito.

mas quem ouviu o grito ficou com o grito preso em algum lugar da consciência. de lá pra cá no meu apartamento, me peguei rindo: ai ai, e não é que as pessoas gritam? formulei alguma coisa no peito, quis gritar, mas era incapaz, não tinha fôlego, não tinha força, não tinha nada além de sussurros.

de repente, a água no fogo secou, a pia pingou, o gato miou e eu perpetuei uma ideia na cabeça, uma vontade danada de botar pra fora alguma coisa, e a porta abriu, o porteiro sorriu, o vendedor da feira me avisou que tinha promoção, não escutei, o cachorro

latiu, a policia civil, o único dilema era que a faixa de pedestres parecia não me caber, mas eu coube bem no meio do sinal fechado, o sol da manhã queimando, e eu com a mão na boca do estômago como quem ia vomitar, que isso? um grito?

tinha gente andando, gente falando, gente apontando, eu era o centro das atenções, porque o sinal abriu, o carro acelerou, a luz do dia sumiu, e o grito... o grito... o grito... a batida, o arremesso, eu voando pra calçada, varrendo a rua com minha minha carcaça, a multidão, o desespero, e o grito... o grito... o grito... O GRITO, MEU DEUS, O GRITO!

AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA

A!

ouviu-se um grito tão alto que atravessou as paredes e os vãos do bairro todo, entrando pela minha janela e me fazendo despertar antes mesmo do despertador tocar. abri os olhos pensando no pesadelo que é não gritar

* Poeta, escritor, slammer, ator. Estuda Letras - Português e Literaturas na Universidade Federal de Santa Catarina. Autor do livro de poemas *Visitante no meu próprio lar*. E-mail: eujeansilva09@gmail.com.